

BUARQUE, Cristovão. *A ressurreição do general Sanches*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981. 190 p.

Joaquim Falcão *

"A Ressurreição", tanto é o romance de uma república imaginária da América Central, quanto a crítica política do Brasil destes últimos anos. Enquanto crítica opta pela via do realismo fantástico. Volta-se contra diversos aspectos do nosso cotidiano. Nesta resenha, literária e também política, focalizo três de seus personagens principais. O primeiro, é o próprio autor do romance. Estudante, que vai a Sinandá fazer sua tese de doutorado. Em vez de tese, faz romance. Este personagem corporifica a crítica ao saber acadêmico. Coloca a questão do papel do cientista social na abertura política. O segundo, é o cronista social, Affonso Cruz. O narrador das coisas que "nem os livros nem o povo contaria". Corporifica a crítica da elite dominante. Coloca a questão da fragmentação da elite. O terceiro, finalmente, é o próprio General Sanches, ditador de Sinandá. Deus e Diabo. Dono do céu e da terra. Corporifica a crítica do poder. Coloca a questão da solidão do poder autoritário.

O estudante/autor procura desmistificar o saber acadêmico. É implacável com mestrados, doutorados e brazilianistas. É desiludido com o irrealismo, pouco fantástico, dos intelectuais. Por vezes chega a dizer: "Um homem inteligente leva sempre o país ao buraco. A pátria não é uma universidade para ser dirigida por um letrado". Mas um serviço presta ao leitor. Sua crítica recoloca questão fundamental: qual a contribuição do cientista social, do intelectual enfim, neste processo de abertura política? Para a boa resposta, responde não o autor, mas seu crítico. Duas observações são importantes. Primeiro, a abertura é a saída negociada para o autoritarismo. Quer dizer, nem é o projeto solitário do gabinete do príncipe (pode até ter sido, mas não é mais). Nem a vitória ufanista das oposições. É os dois. É um processo de negociação, onde a cada dia, novos atores sentam-se à mesa. Novos rumos se impõem. Em suma, a abertura é uma questão em aberto. Uma questão em aberto para o futuro. Onde, participar da abertura é ajudar a forjar o futuro. Participação a que não pode escapar, o intelectual. A segunda observação é que esta participação há que escapar à visão cínica e à visão ingênua da abertura. A cínica se alimenta do mito da catástrofe. Ou seja, já que o Estado tudo pode e reproduz, a abertura conduzirá inevitavelmente à fechadura. Esta é visão de desesperança. A ingênua se alimenta do mito do messianismo. Já que a história está a favor das classes populares, a abertura virá por bem ou por mal. Mais cedo ou mais tarde. Esta é visão que dispensa o esforço consciente dos cidadãos.

A visão realista escapa de uma e de outra. Exige que o cientista social participe desvendando, revelando, explicitando e descobrindo a verdade social

*Diretor do Depto. de Ciência Política do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco.

brasileira, que este país politicamente autoritária e socialmente hierárquico teima por esconder. Permitam ao crítico fazer a defesa dos mestrados e doutorados, do cientista social. Pelo que têm feito, e muito, no revelar a verdade social brasileira. Não há que se menosprezar o impacto político da verdade social quando trazida ao entendimento, por vezes amargo, dos cidadãos. Esta tem sido a contribuição maior do cientista social para a redemocratização.

Affonsito Cruz é o segundo personagem. A crônica social é a crítica da elite feita para seu público interno. Crítica nem sempre apreendida pelo público externo. "Se os historiadores e intelectuais lessem as crônicas sociais, talvez a história de Sinandá tivesse sido diferente". Talvez, não. Mas com certeza, os conflitos internos da elite sairiam dos bastidores da noite, e viriam para a luz do dia. O realismo fantástico de Affonsito Cruz é muito mais realismo do que fantasia. Na verdade, a elite é a fantasia da sociedade. Daí o seu realismo. Compare-se por exemplo em Sinandá, o episódio em que se obtém um empréstimo internacional para se construir uma ponte, em troca da exportação da madeira de Sinandá, e a notícia publicada no Zózimo do *Jornal do Brasil*, neste mês passado de outubro. No Brasil também um banco internacional concede um empréstimo em troca das madeiras das matas de Tucuruí. No Brasil, como em Sinandá, o empréstimo é desviado para outros fins. Com uma diferença apenas. Em Sinandá, o Ministro responsável pela operação complicou-se . . . Na crítica da elite, Affonsito Cruz é como M. Jourdan, faz realidade pensando que é fantasia.

Finalmente, o terceiro personagem é o Gen. Sanches. Dono de tudo e de todos, e encarnação do poder absoluto. Dono do começo e do fim. Através dele aprendemos que todo poder absoluto é socialmente autofágico. É que o poder autoritário não é no começo autoritário em relação a todos. Ao contrário, tem dupla face. Para os amigos é liberal e democrático. Para os inimigos é autoritário e repressivo. O diabo é que diante da escassez do próprio poder, a divisão entre amigos e inimigos fica cada dia menos nítida. E a tendência é reduzir os amigos, e expandir os inimigos. Em ciência política, esta tendência chama-se de processo de erosão da base política de sustentação social do poder autoritário.

Na verdade, a contrapartida da autofagia social do poder autoritário é a solidão pessoal do príncipe absoluto. A conquista do poder autoritário é também a conquista da solidão. Os que se aproximam do Gen. Sanches aproximam-se de seu poder, e não de sua pessoa. Na relação pessoal substitui-se o gesto livre e fraterno pela hierarquia do medo e da solidão. A solidão do autoritarismo é sua maior crítica. Cristovão Buarque cunhou uma frase que desvenda violentamente esta associação do poder com a solidão. Dizia, de "si para consigo mesmo", o Gen. Sanches: "O meu pacto só deixa que eu ganhe o jogo. Não deixa que eu escolha o parceiro nunca".